

URBAN SKETCHERS E A “DES-COBERTA” DA CIDADE

Paulo H. Tôres Valgas

Resumo: Esse artigo aborda o *Urban Sketchers*, grupo de desenhistas urbanos fundado pelo espanhol Gabriel Campanario em 2008, tratando de suas práticas pelas ruas das cidades onde vivem e para onde viajam, no intuito de mostrar como eles têm no desenho de locação a possibilidade de descobrir as cidades e o mundo onde vivem, trazendo a tona o que está imperceptível ou é corriqueiro. Para isso, serão retiradas crônicas, depoimentos e desenhos do blog oficial do grupo, fonte principal de divulgação de sua produção.

Palavras-chave: *Urban Sketcher*, cidades, descoberta.

Abstract: This paper discusses the *Urban Sketchers*, group of drawers that was founded by an spanish, Gabriel Campanario, at 2008, discussing their practices through streets in the cities where they live and travel for, in order to show how they have in the drawing location the possibility to discover cities and the world where they live in, bringing out what is noticeable and unexceptional. For this, will be taken chronicles, testimonies and drawings from the official blog of the group, the main source of dissemination of their production.

Keywords: Urban Sketcher, cities, discovery

A cidade é um produto do processo civilizatório humano, estando presente nas civilizações mais antigas, desde a Ásia à América. É historicamente reduto da vida humana mais organizada socialmente, local de trocas, de produção artística e de admiração para muitos. No Império Romano, todos os caminhos levavam à Roma, a grande capital, de onde saíam as decisões e onde ocorriam os eventos mais importantes do Império. No fim da Idade Média, os relatos de Marco Polo sobre as cidades, falsos ou não, encantavam a quem ouvia. A cidade torna-se obra de arte no Renascimento, quando do seu ressurgimento na Europa Ocidental. No século XIX, a industrialização fez a população urbana superar a rural nesta região e a metrópole transformou-se no símbolo da modernidade. Desde então, temos nos inspirado nas capitais da época: Paris neste mesmo século e Nova Iorque, no século XX. A cidade é um reduto de sensibilidade, segundo Sandra Pesavento, que também afirma:

ser cidadão (...) implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. (2008, p. 11)

Moradores ou admiradores sempre tiveram a cidade como fonte de inspiração. Às cidades reais, afirma Pesavento, “corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos (idem). Essas cidades invisíveis, para citar o nome do livro de Ítalo Calvino, foram registradas por artistas, pintores ou desenhistas, poetas, dramaturgos e jornalistas, que contagiaram muitos com sua paixão. Pesavento questiona ser possível pensar em Paris, São Petersburgo, Buenos Aires e Porto Alegre sem pensar em Proust e Baudelaire, Dostoiévski e Tolstói, Jorge Luís Borges e Mário Quintana (2007, p. 18-9). Além destes, lembramos do Rio de Janeiro, Berlim, e Londres ao falar em João do Rio, Hoffman e Edgar Allan Poe, se tratando de literatura; e Nova Iorque, Paris, Veneza, Delft e Florianópolis quando citamos Hopper, Guys, Monet, Canaletto e Vermeer e Victor Meirelles.

Nos dias atuais, a prática da observação e representação da cidade não está adormecida. Observando a experiência do *Urban Sketchers*, grupo que tem buscado estabelecer uma conexão sensível com a paisagem urbana, podemos ter certeza disso. O grupo foi criado em 2007 pelo ilustrador e jornalista espanhol Gabriel Campanario, hoje radicado nos Estados Unidos e colaborador do jornal *The Seattle Times*. O *USk* nasceu no Brasil a partir da iniciativa do arquiteto Eduardo Bajzek e dos artistas plásticos João Pinheiro e Juliana Russo. Desde então, o grupo cresceu e hoje tem quase cinquenta correspondentes no blog e mais de quatro mil membros no perfil do *Facebook*, distribuídos em cidades brasileiras como São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Curitiba, Goiânia, Brasília e Recife. Hoje, de acordo com o site oficial “*Usk Brasil*”, o grupo tem membros em mais de vinte países, como Portugal, Brasil e Argentina; cerca de 50 blogs, além de 175 mil desenhos publicados no *Flickr*. Anualmente, promovem-se encontros internacionais para compartilhar experiências, realizar e participar de seminários e sair às ruas em grupos para desenhar. Desde 2010, esses encontros vêm acontecendo e já foram sede as cidades de Portland (Estados Unidos-2010), Lisboa (Portugal-2011), Santo Domingo (República Dominicana-2012), Barcelona (Espanha-2013), Paraty (Brasil-2014), Cingapura (2015) e Manchester (Inglaterra-2016). No encontro de 2014, em Paraty-RJ, houve uma média de 250 participantes. Além destes, há encontros municipais e estaduais, e em abril de 2016 ocorreu o “I Encontro Nacional *USk Brasil*” em Curitiba.

No site do grupo, explica-se que buscam arquitetos, ilustradores, designers gráficos, pintores e educadores que tenham “a mesma paixão pelo desenho de observação das cidades e das cenas urbanas” e que publiquem “mais que apenas desenhos na web,

compartilhando também a narrativa e as circunstâncias em que esses desenhos foram feitos.” O fundador também criou um manifesto no qual destaca a visão que agrega o grupo e está disponível no seu site:

I- Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos. / II- Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos. / III- Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar. / IV- Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando. / V- Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual. / VI- Nós nos apoiamos e desenhamos juntos. / VII- Nós compartilhamos nossos desenhos on-line. / VIII- Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez. (URBAN SKETCHERS BRASIL)

A antropóloga e pesquisadora do USk, Karina Kuschnir, destaca a valorização do desenho do espaço urbano e da relação do desenhador com a sua própria cidade ou com as cidades por onde viaja, sendo uma das características que singulariza esse projeto (2012, p. 5). A relação com o desenho, portanto, é uma constante na vida dos *sketchers*, que o tem como fio condutor de sua prática diária, que os leva a diversos lugares. Michel de Certeau (2000) afirmou que “aquele que perambula pelas ruas pode perder a visão do todo, mas realiza uma exploração corporal e sensitiva, apropriando-se de maneira nova dos espaços da cidade.” O *sketcher* carioca Rafael Fonseca tem uma relação muito intensa com o que faz e acredita que os desenhos não têm importância em si, mas sim os lugares onde eles o leva (2011). Já o *sketcher* Fabien Denoel, do Espírito Santo, diz que “desenhar é (...) o prazer de andar, de parar num lugar, de olhar, atirar traços numa folha de papel, deixando a sua mão falar a linguagem das formas, olhar de novo e, entrar pouco a pouco, cada vez mais profundo na realidade de um lugar (2011). Simon Taylor, *sketcher* de Curitiba, diz que desenhar dentro do USk mudou muito sua visão da cidade, já que passou a “observá-la com muito mais paixão e interesse”. Ele relata também que suas viagens nunca mais foram as mesmas, visto que o *sketchbook* é um item indispensável em sua mala. (2015a)

Flávio Ricardo, *sketcher* de São Carlos, afirma que desenhar tornou-se uma obrigação e que não vê “melhor maneira de registrar locais, coisas ou eventos” que experimenta senão pelo desenho, que é quando ele pode rememorar de forma muito mais intensa seu contato – aprofundado pela observação atenta que o desenho exige – com o mundo que o cerca. (2014). Por levá-los a lugares diferentes, físicos ou não, esses desenhos contam a biografia de seus autores. A *sketcher* paulista Leni Fujimoto diz: “meus desenhos são a minha história.” Ela continua: “trata-se de lugares por onde ando, frequento, viajo; as pessoas que vejo, e as minhas impressões sobre elas; com uma certa frequência,

complementadas por cores, que auxiliam nessa expressão” (2012). O *sketcher* Adriano Melo relata seu prazer em representar o que vê e os locais por onde passa; que descobre detalhes despercebidos em sua própria cidade, Mogi das Cruzes (2011). Ronaldo Kurita diz que só conheceu São Paulo de verdade explorando-a para os trabalhos universitários de urbanismo, e que sempre se surpreende, pois até hoje faz novas descobertas (2015). Reinoldo Klein, *sketcher* paranaense, diz que encontrou no desenho uma oportunidade de materializar a sua percepção particular sobre a rica composição do tecido urbano. Não só seu ponto de vista, mas seus croquis também lhe oportunizavam observar o que a cidade tinha a dizer sobre sua história, significados e conteúdo: “o traço é capaz de registrar minhas memórias de diferentes tempos, mas também simboliza a necessidade sobre um tempo de pausa (emergente) entre nossos percursos”, tratando da nossa pressa de alcançar o ponto de chegada diário.(2013)

O *sketcher* português André Duarte diz que uma das coisas que mais o atrai no desenho de observação é “a “necessidade” de relação entre desenhador/observador e o objecto/espço” que pretende-se desenhar. Ele continua: “(...) Desenhar obriga-nos a perceber como se compõem e estruturam os elementos que nos rodeiam. (...) Desenhar tem-me tornado mais rico – mais observador, mais sensível à relação homem/espço” (2015).

Em seus encontros informais, *sketchers* saem às ruas procurando por objetos para capturar, para sentir e tornar seu. Tal como um *flâneur*, porém com suas canetas de desenho, aquarelas e papéis ao invés de apenas suas pupilas e memória. Seguem o conselho de Pierre Hamp, citado por Benjamin (apud 2002, p. 213): “sair de casa como se viesse de longe; descobrir um mundo, que é aquele no qual se vive, começar o dia como se desembarcasse de Cingapura, como se jamais tivesse visto o capacho de sua própria porta nem o rosto dos vizinho do mesmo andar.” O *sketcher* novaiorquino Danny Gregory destaca que importa “apenas desenhar a partir daquele “lento, cuidadoso e contemplativo olhar””, valorizando “cada dia e cada objeto, por mais simples que fosse”. Isso inclui, para ele, “latas de comidas abertas, velhos pares de sapato, uma esquina de Nova York – tudo pode ganhar espaço em seus cadernos de desenhos.” (apud KUSCHNIR, 2012, p. 4). Esse pensamento casa com a definição da antropóloga e pesquisadora do USk, Karina Kuschnir, “a última frase do manifesto tornou-se um símbolo do grupo”, pois “é um lema que chama atenção para um fenômeno interessante no mundo atual: conhecer o mundo através dos desenhos.” (2012, p. 2). Destacando a expressão *show the world*, ela afirma que não se limita a “mostrar o mundo”, mas também explorar, conhecer, apresentar, revelar, expor, demonstrar, tornar visível.

Sobre o processo de escolha do que será desenhado, João Pinheiro (2011a) diz que não se trata de um processo científico, mas por uma “mistura de senso estético, perspectiva,

ângulos, linhas, intuição, batidas de coração, memória” , pois “desenhar não se encaixa no processo de produtividade capitalista, está em outra esfera.” Nesta busca, o inesperado, o inusitado, podem ser capturados. Aquilo que é *kitsh*. Tal faz Jony Coelho quando desenha um telefone público de sua cidade, em forma de tubarão (imagem 1), onde não raro vê-se turistas se fotografando com a cabeça dentro da boca do esqualo (2013). Mesmo não sendo tão utilizado, por razões óbvias, a obra ainda faz sucesso entre os urbanitas. A paulista Fernanda Vaz faz o mesmo com um objeto muito mais corriqueiro: um poste de iluminação (2011). Com seu desenho, podemos ver a beleza deste tão difundido objeto.



Imagem 1: Jony Coelho. Lanchonete chafariz no cento de Tubarão. 2013. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/2013/12/orelhao-tubarao.html>

João Pinheiro (2011b) relata sobre desenhar perto de sua casa: “Na rua fico revendo os lugares e remontando acontecimentos passados. Pintaram um muro, derrubaram uma casa, cadê aquela árvore que tinha aqui, aquele bar mudou de dono...”, reflete enquanto anda, e cita o verbo criado “remembrando”, relacionado à recordar. Ele ainda diz que parece estar “remendando uma colcha de retalhos, ligando pontos de saudade na cabeça, tudo através do desenho.” Ele acredita que “desenhar nos dá a possibilidade de parar e refletir, de ver a paisagem, de ver o mundo fora da casa de máquinas, ver como é lá fora.” Ele relata, enquanto desenha a rua Erva Mularinha, em São Paulo, que apesar de famosa e muito procurada e de

ele sempre passar por ela, só a “descobriu que esta era a tal rua tão procurada quando sentei na calçada para desenhá-la.”

Flávio Ricardo, quando relata suas férias na cidade onde passou sua infância e adolescência, em Santa Bárbara d'Oeste, diz que procurou, através do desenho, redescobri-la, lutando contra o olhar viciado, acostumado a procurar e a encontrar tudo aquilo que pensa saber da cidade, que sempre dizia que nela não há nada de interessante. Ele diz que colocar em evidência aquilo que passa despercebido é uma das qualidades da atividade de desenhar. Ao falar do desenho de um vendedor numa barraquinha, diz: “Não sei dizer bem o porquê da escolha do objeto. Talvez estas ideias já estivessem latentes, esperando que fossem desenhadas.” (2015a) Em outra postagem, ele afirma:

Prefiro fazer, sempre que possível, meus deslocamentos a pé. A percepção do ambiente construído, sem a mediação do automóvel, ou a velocidade aumentada de qualquer outro meio, é muito mais intensa para o pedestre. Quando, ainda, o caminho é rotineiro e bem conhecido, procuro variar o percurso, buscando desvios e caminhos alternativos. Muitos dos desenhos que faço, principalmente nas cidades que frequento, repletas de paisagens habituais para mim, começam por um percurso deste tipo. Nesta busca por percepções renovadas, sinto especial interesse por locais nos quais percebo uma ruptura do traçado urbano habitual. A rigidez com que são delimitados o espaço público, separado, sem transição, do espaço privado dos edifícios por muros ou grades, torna-se, nesses locais, um livre jogo de conceitos espaciais habitualmente estanques. (2015b)

Em um desenho de uma praça, Flávio Ricardo diz que a presença de um fusca foi o que despertou o interesse e determinou o recorte a ser feito no cenário, afirmando que não fosse este fusca estacionado, provavelmente não teria desenhado essa praça (...)” Na imagem 3, a luz do sol do final da tarde, atravessando um vão entre edifícios, ressalta também um contraste: “A tríade de matrizes (azul, laranja escuro e verde) em formas orgânicas contrastando com a ortogonalidade e neutralidade de tons da pequena casa em reforma” é destacada por ele, que afirma: “Mais uma vez, não fosse a presença da caçamba de entulhos, esta esquina passaria despercebida” (2015c)



Imagem 2: Flávio Ricardo. R. Olívio Saes. 2015. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/2015/11/sobre-desenhos-de-carros.html>

Simon Taylor, ao viajar para Buenos Aires, registra, da janela do hotel, uma casinha de dois andares bem no topo de um prédio imenso. Essa sensação é caracterizada por ele como indescritível, pois a arquitetura da casa não tinha nada a ver com a do edifício, parecendo ter sido transportada magicamente de uma paisagem rural europeia para os píncaros da América do Sul (2015b). O *sketcher* José Clewton (2015) relata sua participação na “Caminhada Histórica” pelo bairro do Alecrim, em Natal, onde pode perceber locais frutos de movimentos históricos, como o cemitério secularizado e as marcas da ocupação dos migrantes do interior do estado. No percurso, ele registra a arquitetura religiosa, o cotidiano dos bares e a forte presença militar, que ele remete à herança da II Grande Guerra.

Vale acrescentar o sentimento do *flâneur*, personagem típico das ruas das cidades, citado por Marco Menezes: o de ser autônomo, pois este não estaria condicionado pelo hábito que automatiza a percepção e impede a apropriação da cidade pelo cidadão. Seu contato com a massa urbana é aquele do olhar, ele vê a cidade (2004, p. 69). Tal comparação remete também à atitude do poeta, que encontra o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico, tornando-se como um trapeiro, que tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Na lixeira ele encontra tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu (BENJAMIN, 2002, p. 78). A produção artística tem o poder de abrir os olhos àquilo que ninguém vê. Alain de Botton, filósofo suíço, defende essa máxima no seu livro “A arte de viajar”, dedicando um capítulo à maneira como Van Gogh possibilitou-nos ver a Provença e lembrando Oscar Wilde, quando este afirma que

“não havia *fog* em Londres antes que Whistler o pintasse”(2012, p. 231). Benjamin também destaca Eugene Atget, fotógrafo de Paris, alguém que “buscava as coisas perdidas e transviadas”, argumentando que quando algumas publicações de vanguarda mostram unicamente detalhes, “ora um fragmento de balaustrada, ora a copa desfolhada de uma árvore cujos galhos se entrecruzam de múltiplas maneiras sobre um poste de gás, ora um muro ou um candelabro” (1994, p. 101). Carlos Medeiros, *sketcher* paulista, nesta mesma linha de pensamento, ao desenhar uma rua onde uma árvore projeta sombra sobre a rua (imagem 4):

Este segundo tem a ver não com o local em si. Esta cena poderia ter sido feita em qualquer outro lugar, o importante no meu ponto de vista é parar e observar não somente marcos arquitetônicos, ou elementos extremamente marcantes e chamativos no local. E sim a simplicidade de elementos comuns e cotidianos em um local como um bairro residencial silencioso, e por esse motivo abstraí os demais elementos como carros e casas. No momento as sombras e o silêncio me chamaram mais a atenção. (2015)



Imagem 3: Carlos Medeiros. Av. Indianópolis x R.dos Araes. 2015, Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/2015/08/ola-todos.html>

Descobrir a cidade, então, a partir do desenho, é uma atividade antiga, renovada atualmente pelo movimento *Urban Sketchers* e por tantos outros que tem surgido pelo mundo, no intuito de registrar paisagens, patrimônios, o cotidiano do povo (ou seja, contar histórias pelos traços). A atividade parece ser um presente do autor ao mundo ou à história e às artes, mas é, sobretudo, um presente a si mesmo, pois leva-o a lugares físicos e emocionais que sem essa prática, talvez fosse mais rara ou difícil. Enfim, o desenho de locação tem o poder de

abrir os olhos e fazer enxergar, tornarmos mais sensíveis ao que nos rodeia e ajudar-nos a construir uma identidade pessoal e social, além do imenso prazer estético que tal prática demanda. Que não falte fôlego e coragem para os desenhistas. Para nós, que não falte mais oportunidades de fruir em suas produções, descobrindo mais da cidade e do mundo em que vivemos.

Referências:

- BAPTISTA, André D. Conheça os Correspondentes: André Duarte Baptista, de Torres Vedras (Portugal) **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/09/conheca-os-correspondentes-andre-duarte.html>> Acesso em 14 jul. 2016
- BENJAMIN, W. **The Arcades Project**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002.
- _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOTTON, Alain de. **A arte de viajar**. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- CAMPOS, Fernanda V. 1º Encontro Mensal de Urban Sketchers! **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/06/1-encontro-mensal-de-urban-sketchers.html>> Acesso em 14 jul. 2016
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes do fazer. V. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CLEWTON, José. Dia da "Caminhada Histórica" pelo bairro do Alecrim, Natal/RN. **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/06/dia-da-caminhada-historica-pelo-bairro.html>> Acesso em 14 jul. 2016
- COELHO, Jony. Orelhão Tubarão. **Urban Sketchers Brasil**. 2015b. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2013/12/orelhao-tubarao.html>> Acesso em 15 jul. 2016.
- DENOEL, Fabien. Conheça os correspondentes: VITÓRIA - ES Fabien Denoel. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/09/conheca-os-correspondentes-vitoriaulo.html>> Acesso em 15 jul. 2016.
- FONSECA, Rafael. Conheça os correspondentes: Rafael Fonseca. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/2011/08/conheca-os-correspondentes-rio-de_26.html> Acesso em 14 jul 2016.
- FUJIMOTO, Leni. Conheça os correspondentes: São Paulo - SP Leni Fujimoto. **Urban Sketchers Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/01/conheca-os-correspondentes-sao-paulo-sp.html>> Acesso em 14 jul. 2016
- KLEIN, Reinoldo. Conheça os Correspondentes: CURITIBA - PARANÁ Reinoldo Klein. **Urban Sketchers Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2013/04/conheca-os-correspondentes-curitiba.html>> Acesso em 14 jul. 2016
- KURCHNIR, Karina. **Desenhando a cidade**: Proposta para um estudo etnográfico no Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload/2012/01/110_2045-karina.pdf> Acesso em 25 jan. 2016.
- KURITA, Ronaldo. Conheça os Correspondentes: Ronaldo Kurita, de São Paulo/SP. **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/05/ronaldokurita.html>> Acesso em 14 jul 2016
- MEDEIROS, Carlos. Introdução com marcadores em SP. **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em:

- <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/08/ola-todos.html>> Acesso em 14 jul. 2016
MELO, Adriano. Conheça os correspondentes: Mogi das Cruzes -SP Adriano Mello. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2011/09/conheca-os-correspondentes-mogi-das.html>> Acesso em 14 jul. 2016
MENEZES, Marco A. **Um Flâneur Perdido na Metrópole do Século XIX**: História e Literatura em Baudelaire. Tese de doutorado no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR. 2004. Disponível em:
<<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Marcosantoniodemenezes.pdf>>
PESAVENTO, Sandra J. **Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. Vol. 27, n. 53. São Paulo, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002> Acesso em 11 fev. 2016.
PINHEIRO, João. Cidade Líder. **Urban Sketchers Brasil**. 2011a. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2014/07/cidade-lider.html>> Acesso em 14 jul. 2016
_____. Rua Erva Mularinha. **Urban Sketchers Brasil**. 2011b. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2011/09/rua-erva-mularinha.html>> Acesso em 15 jul. 2016
RICARDO, Flávio. Conheça os Correspondentes: Flávio Ricardo, de São Carlos –SP. **Urban Sketchers Brasil**. 2014. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2014/11/conheca-os-correspondentes-flavio.html>> Acesso em 14 jul. 2016.
_____. Férias em Santa Bárbara d'Oeste-SP. **Urban Sketchers Brasil**. 2015a. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2015/01/ferias-em-santa-barbara-doeste-sp.html>> Acesso em 14 jul. 2016.
_____. Espaços públicos e privados. **Urban Sketchers Brasil**. 2015b. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2015/05/espacos-publicos-e-privados.html>> Acesso em 15 jul 2016
_____. Sobre desenhos de carros. **Urban Sketchers Brasil**. 2015c. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2015/11/sobre-desenhos-de-carros.html#comment-form>> Acesso em 15 jul. 2016.
Sobre o Urban Sketchers Brasil. **Urban Sketchers Brasil**. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/p/sobre-o-urban-sketchers-br.html>> Acesso em 25 jan. 2016.
TAYLOR, Simon. Conheça os Correspondentes: Simon Taylor, de Curitiba/PR. **Urban Sketchers Brasil**. 2015a. Disponível em:
<http://brasil.urbansketchers.org/2015/07/conheca-os-correspondentes-simon-taylor_2.html#comment-form> Acesso em 14 jul. 2016
_____. Diário de viagem #3 - Buenos Aires. **Urban Sketchers Brasil**. 2015b. Disponível em:
<<http://brasil.urbansketchers.org/2015/07/diario-de-viagem-3-buenos-aires.html>> Acesso em 15 jul. 2016.